

Anexo II

O repasto de sangue: submissão e rebeldia n' *O Ateneu*

Franco Baptista Sandanello

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANDANELLO, FB. Anexo II - O repasto de sangue: submissão e rebeldia n' *O Ateneu*. In: *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d' *O Ateneu**, de Raul Pompeia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 315-325. ISBN 978-85-7983-672-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

ANEXO II

○ REPASTO DE SANGUE: SUBMISSÃO E REBELDIA N'○ ATENEU

Nota inicial

Conquanto não esteja diretamente relacionado com o interesse central do livro – a saber, o processo narrativo do romance e os motores de sua execução pelo narrador (originados ora no lar ora no próprio internato) –, uma revisão, ainda que breve, de personagens de menor destaque n' *O Ateneu*, bem como de sua relação de *convivência*, de *reprodução* ou de *repulsa* ante o poder central de Aristarco, poderia esclarecer e confirmar algumas das afirmações discutidas no capítulo “No reino do jaguar?”. Torna-se até mesmo necessário remeter, finalmente, ao “repasto de sangue” daquele que, enquanto “jaguar”, define as regras de conduta, além dos critérios de sucesso e fracasso, dentro de sua instituição. Assim, remetemos o leitor ao texto abaixo, como complemento da discussão anterior.

Conviventes

Relevando as incongruências da narração de Sérgio, há que se considerar que não pode haver caçador sem caça, nem jaguar sem presa. As meias-vitórias de Aristarco dentro do internato jus-

tificam-se em vista da convivência dos subordinados, satisfeitos até certo ponto com a vida que têm de levar. Dentre professores, funcionários e alunos, podemos destacar um personagem de cada classe como exemplos deste primeiro comportamento coletivo: é o caso de Mânlio, Ângela e Bento Alves.

Mânlio, ao contrário de Venâncio e Cláudio, nem adula nem relativiza a existência do diretor e do Ateneu; cumpre apenas seu cronograma, ministrando as aulas que lhe cabe. À primeira vista, o professor parece ao protagonista “um homem apumado, de barba toda, grisalha e cerrada, pessoa excelente, desconfiando por sistema de todos os meninos” (OA, p.55). De início recomendado por Aristarco, Sérgio é tratado cortesmente por Mânlio – mas não somente por isso, visto que vai bem nas primeiras provas (OA, p.64, 77); quando começa a ir mal, é delatado pelo professor ao Livro de Notas sem demais tergiversações (OA, p.97). Mais tarde, com a aplicação nos estudos, Sérgio reconquista a confiança do professor, que o acompanha e anima até os exames de fim de ano da Instrução Pública (OA, p.219).

Ângela, por sua vez, permanece distante do que se passa dentro do internato, em uma vida alienada de pomo da discórdia entre homens e meninos. Fazendo-se sedutora em todas as ocasiões, a empregada da casa anexa de Aristarco quer unicamente chamar a atenção: espreita os alunos nos banhos, deixando à mostra braços e pernas (OA, p.73); leva os demais criados à loucura, a ponto de cometerem homicídio, às expensas dos ciúmes (OA, p.134-6); bole com os meninos, “entretendo-se a desesperá-los como quem atija o braseiro para ver a erupção das fagulhas” (OA, p.228-9); e até mesmo seduz Sérgio em seu leito de enfermaria, entre uma e outra leva de roupa recém-lavada (OA, p.256-7).

Finalmente, Bento Alves, aluno regular do Ateneu e bibliotecário do Grêmio Literário Amor ao Saber, realizando pontualmente ambas as funções. Como aluno, age como verdadeiro herói ao imobilizar o assassino, amante frustrado de Ângela (OA, p.130, 137); como bibliotecário, além de zelar pelo cuidado dos livros, encomenda todos os volumes desejados por Sérgio, numa amizade

silenciosa e ambígua (OA, p.145-8). Se, porventura, entra em duelos, é apenas para defender seu protegido – Sérgio – das invectivas de Malheiro, ou para dele vingar-se, num envolvimento passional como o de Ângela e do assassino (OA, p. 165-6, 201-3).

Todavia, não é apenas de conivência que se nutre o poder absoluto de Aristarco, mas também da obediência cega a suas decisões – ou ainda, da reprodução das mesmas, até sem seu conhecimento ou ordem expressa.

Reprodutores

Reprodutores do espírito e da letra dos discursos e da figura centralizadora de Aristarco, há um número muito maior de alunos, funcionários e professores dispostos a compartilhar das benesses do poder estabelecido no Ateneu. São eles, para tomarmos ainda um exemplo de cada classe: Sanches, Silvino e Venâncio.

Sanches é o primeiro protetor de Sérgio, e também aquele que mais vivamente imprime-se na consciência enquanto parâmetro de maldade. Inicialmente bom menino, ele o salva do afogamento na piscina do colégio; porém, logo demonstra seus interesses mesquinhos, fazendo Sérgio duvidar de sua ajuda gratuita: “Tive depois motivo para crer que o perverso e a peste fora-o ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço” (OA, p.75).

A desconfiança nasce com a aproximação entre ambos e os primeiros estudos em dupla. Violento por natureza, “Sanches era também vigilante”, e, como os demais, “[tomava] a sério a investidura do mando e [era] em geral de uma ferocidade adorável” (OA, p.76). Sérgio prontamente reconhece a superioridade do colega, e dele se aproxima ao enfrentar as primeiras dificuldades com o método de ensino do colégio. Se, num primeiro momento, “Sanches deu-[lhe] a mão como a Minerva benigna de Fénelon”, facilitando-lhe até demais os primeiros contatos com a geografia, a gramática, a história nacional e religiosa (“Em dois meses tínhamos vencido por alto a

matéria toda do curso”), pouco depois seu tutor provocava-[l]he uma repugnância de gosma:

Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. [...] Notei que ele variava de atitude quando um inspetor mostrava a cabeça à entrada da sala, e quando pretendia informar-me de alguma disciplina transcendente. [...] Às vezes a minha resistência passiva desapontava o preceptor. Ele encarava-me terrível, como quem diz: “perde a proteção de um vigilante!”, ou disfarçava a impertinência em riso amarelo [...]. (OA, p.79, 84-5)

Nota-se a conotação claramente sexual da troca de favores esperada por Sanches, além do desnível entre uma gentileza de amigos e o abuso sexual de um menor. As liberdades vão ao extremo de uma aula no colo do mais velho, ou ainda a caminhadas noturnas bastante duvidosas (OA, p.87-8). Assim, o primeiro contato interpessoal mais prolongado no internato mostra-se um fracasso, e insinua que entre os internos não pode haver amizade desprovida de interesse. Ou ainda, que não há amizades verdadeiras no Ateneu.

Vendo-se rejeitado, Sanches acaba por perseguir o protagonista, exercendo seu poder de vigilante como forma de transferir à condenação pública seu desafeto pessoal: “Na qualidade de vigilante levava-me brutalmente a espada. Eu tinha as pernas roxas dos golpes; as canelas me inchavam” (OA, p.98). Acaba, pois, em violência física o que começara numa simples amizade entre pares.

O mesmo emprego peremptório do poder é aquele de Silvino, inspetor do colégio sempre pronto a delatar os jovens infratores: “[...] Silvino, um grande magro, de avultado nariz e suíças dilaceradas, olhar miúdo e vivo como chispas, em órbitas de antro, fiscalizava o recreio, graduando a folgança à mercê de um terrível canhenho” (OA, p.65-6). Neste caderninho de notas, são delatados todos que tem a desventura de cair sobre suas vistas, muito embora se salvem os alunos de maior porte. Logo, além de delator, Silvino

também é covarde, escondendo-se por detrás das próprias anotações; assim, é pouco respeitado pelos grandes do chalé: “O Silvino que se fosse! Não tinha nada com a conversa dos rapazes. Uma das melhores máximas do *chalet* era esta, característica: – Fica revogado o diretor” (OA, p.226-7).

Inversamente, Silvino abusa dos maus-tratos com os indefesos, como é o caso de Franco, único completamente subjugado por ele, enquanto os demais o repudiam:

Silvino foi gradualmente perdendo a paciência. Atirou-se por fim ao Franco, desesperado, lançou-o à terra, meteu-lhe os pés. Alguns rapazes protestaram com gritos, Silvino ameaçou. Fogosos da exaltação desordeira do passeio da véspera, [...] reuniram-se em massa contra o Silvino. O inspetor salvou a força moral refugiando-se no alto da escada e fazendo de cima trejeitos enérgicos com a carteira e o lápis. [...] Quanto ao encerramento dos culpados na trevosa cafua, impossível, que lá estava o Franco, por exigência expressa do Silvino, como causador primeiro das inqualificáveis perturbações da ordem no *Ateneu*. (OA, p.205, 209)

Tirano por delegação, tal qual Sanches, delata e pune fisicamente apenas os mais fracos, prova da fragilidade de sua posição dentro do internato. Mesmo a exemplar destruição do sistema clandestino de fios, usado pelos alunos por debaixo da mesa geral de estudos, não é definitiva e pouco influi no cotidiano dos meninos (OA, p.172). Trata-se de uma generalização fátua e perene da violência, marcada não pelo prestígio dos subalternos – vigilantes e funcionários (reservado unicamente à figura diáfana de Aristarco), mas pelo desprestígio reiterado de alguns poucos alunos, que, em seu desamparo, legitimam sua existência mesquinha de tiranetes frustrados.

Mais poderoso, porque mais submisso dentro da hierarquia do poder, Venâncio, por sua vez, projeta-se como o maior adulator do diretor desde as primeiras festas do colégio até as últimas, quando do piquenique coletivo ou da entrega pública do busto. Todavia, enquanto seu diálogo com os superiores é servil,

aquele com seus alunos é despótico. Como lembra o narrador: “O professor Venâncio lecionava também inglês; escapei-lhe às garras, felizmente; uma fera! chatinho sob o diretor, terrível sobre os discípulos; a um deles arremessou contra um registro de gás, quebrando-lhe os dentes” (OA, p.215). O contraste beira o ridículo; ao mesmo tempo em que os meninos tremem diante de si, pelo medo das agressões, treme Aristarco pelo excesso de elogios, igualmente agressivo na ênfase com que é aplicado: “A própria vaidade acovarda-se. Venâncio ia falar: coragem! A oscilação do turíbulo pode fazer enjoo. Ele receava uma cousa que talvez seja a enxaqueca dos deuses: tonturas do muito incenso” (OA, p.250-1). Venâncio reproduz os extremos do Ateneu, buscando fazer-se o primeiro dos últimos, e vice-versa.

De certa forma, observando o conjunto dos três subordinados, Aristarco colhe o que planta: uma hierarquia alienada e incensadora, na qual, para estar no topo, é necessário que os mais privilegiados o sejam ainda mais, e que os desprotegidos sofram multiplamente, sujeitos ao ódio prepotente de colegas, bedéis e professores, ligados ao poder central.

Não obstante, alguns mais esclarecidos dentre essa massa de oprimidos e opressores tendem até certo ponto a questionar a cadeia de violências em que vivem.

Opositores

O grupo mais reduzido dentro do colégio é o desses últimos, que, de uma forma mais sistemática, se opõem à natureza e à existência do internato como um todo, buscando alternativas para sua sobrevivência. Seja através de funcionários, alunos ou professores, há uma espécie de reação geral de repulsa a Aristarco, dotando as presas indefesas de seu “repasto de sangue” com um poder dessacralizador. Três personagens destacam-se, ainda uma vez, em cada uma das classes apontadas: Ema, Franco e Cláudio.

Ema, além de mulher do diretor, é a enfermeira do colégio, e, como tal, desempenha o mesmo carinho que tem para com sua filha

com os meninos do colégio, especialmente “os meninos bonitos” (OA, p.47). Lasciva, já em sua primeira aparição desperta os sentidos de Sérgio:

Bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formas alongadas por graciosa magreza, erigindo porém o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras, de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também a cor do jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. [...] Esta aparição maravilhou-me. (Idem)

O apelo sexual de Ema, porém, não vem desacompanhado de um forte instinto de maternidade, como o reconhece Sérgio, e como prevê seu próprio nome, em forma de anagrama.¹ Mesmo assim, sua reputação dentro do Ateneu, principalmente entre os maiores, não é das melhores; Ema não se sujeita inteiramente a Aristarco, e fala quando quer, com quem quer, mantendo um fluxo de bilhetes detestado pelo marido (OA, p.127). Comenta-se, inclusive, que ela tenha um caso extraconjugal com Crisóstomo, professor de grego do colégio: “D. Ema... D. Ema... não se murmura à toa... Repararem na maneira de falar do Crisóstomo... Tem motivo, um rapagão... Palavra que os apanhei sozinhos, juntinhos, conversando, à distância de um beijo...” (OA, p.174).

Prova do repúdio pessoal de Ema por Aristarco, o caso não fica apenas nos rumores. A proximidade entre ambos é evidente, seja no restaurante próximo ao internato (OA, p.199), seja na própria mesa de jantar de Aristarco (OA, p.217-8), estão eles frequentemente

1 Muito já se discutiu sobre o significado maternal da personagem, “mãe” posição do protagonista. Como veremos logo a seguir, ela em muito se distingue da verdadeira mãe de Sérgio, como ele próprio o confirma; quanto a Aristarco, é dispensado questionar a validade como pai postiço. Para uma revisão maior do sentido psicológico, e mesmo psicanalítico, de Ema, cf. Pontes (1935), Castro (2010), Almeida (1970), Picanço (s.d.), Torres (1970), Paes (1985), dentre outros.

juntos, unidos pelo prazer das festas e das refeições. Como confessa a Sérgio, ao tratá-lo na enfermaria: “Ninguém por mim. Nesta casa, sou de mais... Deixemos essas cousas. Não sabe o que é um coração isolado como eu... Todos mentem. Os que se aproximam são os mais traidores...” (OA, p.264). Assim, não é de estranhar que fuja na ocasião do incêndio do Ateneu, deixando o marido sem o amparo da família, ao ser abandonado pela sorte.²

De certa forma, o repúdio pessoal de Ema traduz-se também no repúdio profissional pelo internato, enquanto enfermeira subordinada a Aristarco. Os extremos afetivos, quase (ou propriamente) sexuais, emanam da superioridade com que é vista pelo diretor, que não a trata como igual – como esposa, e sim como mais outra funcionária. Sua vingança é, pois, dupla, e lembra o que dizem alguns alunos maliciosos:

Repetiam as murmurações do professor Crisóstomo, frioleiras da maldade. Pelas janelas gradeadas indicavam junto do muro da natação as venezianas da enfermaria e faziam a apologia da enfermeira, enfermeirazinha cuidadosa, incomparável para o tratamento dos casos graves do coração. E vinham com histórias de estudantes muito mal de imaginárias moléstias... (OA, p.261)

2 Não é o que ocorre no final da primeira edição do romance, em trecho riscado no conjunto de provas entregue pelo escritor à Livraria Francisco Alves, poucos meses antes de sua morte. No texto “original”, que se segue à descrição final de Aristarco e do desastre do Ateneu, há o seguinte trecho: “Não nos confunda, porém, demasiado a compaixão. Aristarco não se deixava arruinar assim: o *Ateneu* estava seguro em diversas companhias, e a apólice abrangia tudo, o próprio cofre forte, o próprio *Uncle Sam*, de patente, à cozinha, objetos considerados geralmente à prova de fogo. Além disso, muito em reserva era o grande comendatário de uma empresa nacional de pomadas, à Rua do Passeio” (Pompeia, 1995, p.367-8). O adendo, publicado em jornal e em volume, ambos pela *Gazeta de Notícias*, demonstra uma clara preocupação com o público leitor e com a resolução cômoda da tragédia de Aristarco, bem típicas do gênero folhetinesco. Num momento posterior, já aceito o romance, talvez não fosse mais necessário fazer tantas concessões, o que viabilizaria resguardar o sentido original de destruição *universal* do colégio (seus valores, métodos etc.).

Enquanto a reação de Ema é a da fuga, e talvez a do exagero indiscreto de cuidados para com outros que não seu marido – pautado em uma violência claramente moral –, a reação de Franco, enquanto interno do Ateneu, é de pura violência física, contra si e contra outrem, endereçada não somente a Aristarco, mas a tudo, aos colegas, aos bedéis, à vida em si, até o extremo da morte. Desde os primeiros contatos de Rebelo (o mais antigo veterano) e do protagonista (o mais novo calouro) consigo, Franco é o modelo do pária, exemplo atemporal de depravação e de mau aluno:

– De joelhos... não há perguntar; é o Franco. Uma alma penada. Hoje é o primeiro dia, ali está de joelhos o Franco. Assim atravessa as semanas, os meses, assim o conheço nesta casa, desde que entrei. De joelhos. De joelhos como um penitente expiando a culpa de uma raça. [...] O pai é de Mato Grosso, mandou-o para aqui com uma carta em que o recomendava como incorrigível, pedindo severidade.

[...] Perto de mim vi o Franco. Sempre de penitência; em pé, cara contra a parede. Como Silvino dava-lhe as costas, divertia-se a pegar moscas para arrancar a cabeça e ver morrer o bichinho na palma da mão. Perguntei-lhe por que estava de castigo. Sem olhar, de mau modo: “Lá sei! disse ele. Porque me mandaram”. (OA, p.62-3, 66)

O ódio de Franco desconhece limites, pois é tratado igualmente com um ódio que desconhece limites, autorizado pela única instância mais imediata que o poderia proteger – a recomendação paterna. Franco está abandonado à própria sina, e é como penitente que lhe cabe cumprir uma função de equilíbrio dentro do universo do internato, contraponto ao jogo de poderes entre opressores e oprimidos, superiores e subalternos. Inferior a todos, garante que ninguém, além de si, se desespere, e que tenham ao menos o consolo de não estar em sua posição. Como seria de supor, tamanho desprezo é incitado por não outro que Aristarco, que o chama abertamente de “porco”, “grandíssimo porco”, “tratante” etc. na

ocasião da descoberta de uma peça pregada em todos: Franco urinara na bomba d'água do colégio. (OA, p.107). Assim motivados, os colegas “deram-lhe empurrões, beliscaram-lhe os braços, injuriaram-no.” (Idem)

Mas Franco não conhece limites. Como revela a Sérgio, inclusive pedindo-lhe ajuda, planeja vingar-se de todos semeando cacos de vidro na piscina do colégio, projeto que se recobre das tintas mais rubras de seu ódio, de sua vingança pessoal contra todos:

Diante da *natação*, Franco parou e me fez parar. “A minha vingança!”, disse entre dentes, e me indicou a toalha do tanque. [...] “A minha vingança!” repetiu-me ainda o Franco. “Para o sangue, sangue”, acrescentou com o risinho seco. “Amanhã rirei da corja!... Trouxe-te aqui para que alguém soubesse que me vingo!” (OA, p.111)

Felizmente, nada acontece, visto que a piscina é limpa no dia seguinte, como já era de praxe fazê-lo, periodicamente. Nada, porém, sacia o ódio do menino, que somente se vê feliz ao presenciar brigas e desavenças, como a luta entre Malheiro e Bento Alves (OA, p.166) ou o julgamento de Cândido e Tourinho (OA, p.205). Neste, Franco chega a brincar, como se fosse injustiçado pela repentina execração dos réus, colocados por um momento no último degrau do Ateneu: “Franco, sobretudo estava de um contentamento nunca visto. [...] ‘Eu é que sou o mau, repetia andando à roda, eu é que sou o bandalho, a peste do colégio!... O mau sou eu só!...’” (Idem).

Entretanto, Franco não aguenta a pressão e acaba caindo doente por conta dos contínuos períodos passados na cafua do colégio, a mando de Silvino. Como diz Sérgio: “Sentia-se [ali] uma impressão de escuro absoluto [...]. O chão era de terra batida, mal enxuta. Impressionava logo um cheiro úmido de cogumelos pisados. [...] Engaiolava-se o condenado na amável companhia dos remorsos e da execração [...]” (OA, p.237). Ainda que o menino não se preocupe com a doença, e até mesmo fique feliz, visto que assim, no seu entender, poderia impingir remorsos em todos os “seus algozes” (OA,

p.238), ela o leva a morte. Coincidentemente, é quando ele sucede em seus intentos, levando Aristarco às lágrimas com o ocorrido.

Morto, Franco consegue finalmente aquilo que jamais conseguira até então: privar o colégio de si, de um arrimo indispensável para a permanência da lógica de méritos e punições. Talvez por isto, na festa final de entrega dos prêmios, muitos dos pais de alunos não agraciados com medalhas ou distinções tenham saído “odiando o diretor, olhando como vencidos para os que passavam satisfeitos, os outros pais, os colegas do filho, menos enfatuados da própria vitória que da humilhação alheia” (OA, p.252-3). Não: o único a culpar agora era Aristarco, pois não havia mais o consolo de não ter um filho como Franco. Quiçá o Ateneu já estivesse fadado ao fim junto com o menino, naquela cafua insalubre: é difícil imaginar um balanço favorável das matrículas no ano posterior ao ocorrido, sem Franco.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23,7 x 42,5 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

1ª edição: 2015

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Capa

Megaarte Design

Edição de texto

Maria Angélica Beghini Morales (Copidesque)

Nair Hitomi Kayo (Revisão)

Editoração eletrônica

Eduardo Seiji Seki (Diagramação)

Assistência editorial

Jennifer Rangel de França

